

Explorações da Feminilidade e Episódios Homossexuais na Adolescência: Katherine Mansfield¹

Explotaciones de la Femenidad y Episodios Homosexuales en la Adolescencia: Katherine Mansfield

Explorations of Femininity and Homosexual Episodes in Adolescence: Katherine Mansfield

Teresa Rocha Leite Háudenschild

Resumo: Katherine Mansfield dá voz à homossexualidade adolescente através de poemas e textos de seu diário onde comunica, com clareza e expressividade, os conflitos de uma adolescente de 17 anos no confronto com suas protosensorialidades e protoemoções emergentes. A autora relaciona esses episódios à relação pré-genital que Katherine mantinha com a avó, com que dormia em criança, episódios ocorridos justamente quando perde a avó. E também os relaciona com a idolatria dela por Oscar Wilde, cuja premissa era de que “a juventude permite tudo e deve ser usada o quanto puder”. E lembra Danielle Quinodoz (2003) que fala de uma “homossexualidade construtiva”, pois a adolescente expressa assim seu desejo de descobrir sua própria feminilidade em contato com o corpo feminino, acrescentando que se a adolescente pudesse contar com a capacidade de *reverie* do analista, para ajudá-la a dar sentidos a seus desejos, poderia elaborar construtivamente a culpa advinda de suas tendências homossexuais.

Palavras-chave: Katherine Mansfield. Literatura Inglesa. Homossexualidade.

Resumen: Katherine Mansfield, da voz a la homosexualidad adolescente a través de poemas y textos de su diario, donde se comunica con claridad y expresividad, los conflictos de una adolescente de 17 años en la confrontación con sus protosensorialidades y protoemociones emergentes. La autora relaciona estos episodios a la relación pre-genital que Katherine mantenía con su abuela, con quien dormía en la infancia, episodios ocurridos justamente cuando pierde a su abuela. Y también los relaciona con la idolatría de ella por Oscar Wilde, cuya premisa era que "la juventud permite todo y debe ser usada tanto como puedas". Y recuerda Danielle Quinodoz (2003), que habla de una "homosexualidad constructiva", ya que la adolescente expresa así su deseo de descubrir su propia feminidad en contacto con el cuerpo de la mujer, añadiendo que si la adolescente pudiera contar con la capacidad de *reverie* del analista, para ayudarla a dar sentidos a sus deseos, podría elaborar de forma constructiva la culpa derivada de sus tendencias homosexuales.

Palabras clave: Katherine Mansfield. Literatura Inglesa. Homosexualidad.

Abstract: Katherine Mansfield gives voice to adolescent homosexuality through poems and texts from her diary in which she communicates with clarity and expressiveness the inner conflicts of a 17-year-old adolescent faced with her emerging protosensorialities and protoemotions. These episodes are related to the pregenital relationship Katherine maintained with her grandmother with whom she slept as a child, episodes that occurred at the time when she lost her grandmother. They are also influenced by her idolisation of Oscar Wilde, whose premise was that "Youth is a calling card that will gain you admittance anywhere - use it while you may." (2009, p. 291). The author also references Danielle Quinodoz (2003) who speaks of a *constructive homosexuality* through which the teenager is able to express her desire to discover her own femininity in contact with the feminine body. Quinodoz adds that, if the adolescent were able to count on the analyst's capacity for *reverie* to help her supply her desires with meaning, she would be capable of constructively elaborating the guilt arising from these homosexual tendencies.

Keywords: Katherine Mansfield. English Literature. Homosexuality.

¹ Apresentado no XII Diálogo Latino-Americano do COWAP, na SBPSP, São Paulo, 2016.

Nas profundezas do oceano há uma concha arco-irizada.

Está sempre lá, brilhando, bem quieta, sob as enormes ondas tempestuosas e sob as pequeninas ondas alegres que os gregos antigos chamavam de “ondinhas sorridentes”. E escute: a concha arco-irizada canta - nas profundezas do oceano. Está sempre lá, cantando silenciosamente!

(Mansfield em “Segredo”, BAKER, 1985, p. 69)²

1. Episódios homossexuais

O primeiro manifestou-se aos 13 anos por sua paixão pela colega da Miss Swainson’s School em Wellington, Maata Mahkupu, princesa maori. Em 1903 Katherine foi para Londres com as irmãs para estudar, Maata foi para Paris e a visitou em Londres em 1906, com roupas e modos sofisticados. As duas passearam, fizeram compras, pagas depois, a contragosto, pelo pai de Katherine.

Ao voltar para Wellington em dezembro, ela reencontrou Maata que estava envolvida nos preparativos para seu casamento, mas aceitou um *affair* com ela, registrado em abril de 1907 nos diários de ambas. Maata transcreve, em seu diário, uma carta de Katherine em que esta diz: “O que significa isso de você ir embora justo quando está tão superlativamente bonita? Sua bruxa: você é a beleza encarnada”. E Maata comenta: “É vaidade de minha parte gostar disso, mas gostei” (ALPERS, 1982, p. 47).

Katherine ficou em Wellington por 18 meses e, em julho de 1908, retornou a Londres, para nunca mais voltar. Nesse período, ela reviveu seu amor por Maata e apaixonou-se por Edith Bendall, vivenciando breves episódios em que se dá conta de sua bissexualidade. Em junho de 1907, Katherine escreve em seu diário:

Será que outras pessoas de minha idade ousam sentir-se como eu, poderosa e absolutamente licenciada, quase fisicamente doente? Sozinha neste quarto silencioso, preenchido pelo som do relógio, desejo Maata – eu a desejo como eu a tive – terrivelmente. Sei que é sujo para mim, mas é verdadeiro. Que coisa extraordinária – sinto-me selvagemmente crua – e quase enamorada poderosamente da menina. Pensei como algo do Passado – Hei Ho!!! Minha mente parece uma novela russa. (MEYERS, 1978, p. 10)

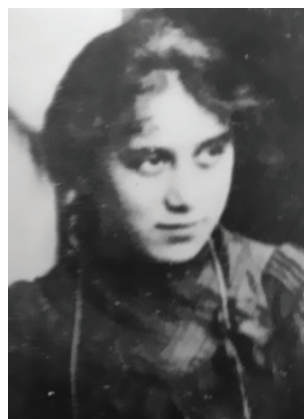
Katherine escreveu sobre as sensações e sentimentos, vividos desde a puberdade e que só ganharam voz nesse momento. Clara Tomalin diz que “o contato com Maata foi o gérmen da constatação de sua própria bissexualidade” (TOMALIN, 1988, p. 16), dessa *concha arco-irizada* que está sempre lá, nas profundezas da mente, *cantando silenciosamente...*

E isso ocorreu justamente quando Maata ia se casar, coincidindo com a morte da avó materna de Katherine, que a criou e com quem ela dormia quando criança e mantinha uma relação física/psíquica muito íntima.

² As citações deste artigo foram traduzidas pela autora e revisadas por Christopher Mack.



Katherine Mansfield



Maata Mahkupu

Mas também desde abril, após o reencontro com Maata, ela manteve uma relação muito próxima com a delicada, linda e atraente artista plástica Edith Bendall que, aos 27 anos, já colhia os frutos de seu trabalho:

Eu era uma trabalhadora e era isso que ela apreciava em mim. Eu trabalhava o dia todo em meu estúdio e às 5 horas eu saía para caminhar e ela costumava vir comigo. Kathleen me perguntou se poderia vir todas as tardes. Eu disse “eu adoraria, Kathleen...” Eu era sua verdadeira amiga em Wellington ... Eu estava completamente encantada com ela... Ela gostava de mim e queria que eu soubesse disso... Ela me escrevia, todas as noites, cartinhas adoráveis, perfeitas, absolutamente lindas. (TOMALIN, 1988, p. 35)

Edith relatou, em entrevista a Clara Tomalin, que Katherine era cativante e tinha uma voz adorável ao ler textos para ela.



Edith Bendall

Fizeram um livro sobre crianças com poemas de Katherine e desenhos de Edith, mas não encontraram editor. A amizade se estreitou e Katie convidou Edie a ir para sua casa de praia, conforme registrou em junho de 1907 em seu diário:

Com ela, sinto todos esses assim chamados impulsos sexuais mais poderosamente do que com qualquer homem. Ela me cativa, me escraviza – e ela mesma, seu corpo inteiro, é a minha veneração. Sinto que deitar minha cabeça em seu peito é sentir o que a vida pode oferecer... encostada nela, apertando suas mãos, seu rosto contra o meu, sou uma criança, uma mulher, e, mais que metade, um homem. (TOMALIN, 1988, p. 35)

Mas em seguida registrou o medo de seus incontroláveis impulsos e a antecipação dos sofrimentos que teria no “árduo percurso do amor”:

Não consigo dormir, não vou dormir novamente. Isso é loucura, eu sei – mas é tão real, que vai me enlouquecer, é tão incrivelmente simples que não dá para duvidar – mais uma vez preciso aguentar essa mudança de maré. Minha Vida é um Rosário de Ferozes combates de Dois – cada um deles atado a uma poderosa e magnética correnteza de sexo – e ao final – o emblema do crucificado – pendurado – certamente – eu não sei, não quero olhar – mas estou tão chocada, aflita, que sinto que não aguento continuar nesse meu árduo percurso de amar – e não ser amada – de dar amores somente para vê-los remetidos de volta para mim, fadados a serem comidos pelos vermes. (MEYERS, 1978, p. 31)

Katherine fala de suas angústias perante a emergência de sua bissexualidade, oscilando entre escolhas “homo” ou “hetero”, como um calvário, uma condenação. E se pergunta se haverá reciprocidade ou se esses amores morrerão. Penso que ao seguir os preceitos de Oscar Wilde, a quem nesse período desejava imitar não somente na escrita, começou a perceber a dificuldade de assumir posições que podiam restringi-la, sem nem ao menos ter a certeza de que seria amada.

Mas, logo após descrever suas angústias persecutórias e sua solidão, no trecho acima citado, em continuidade ela escreveu:

Sento-me na beira da cama, tremendo, meio chorando, histérica, aflita. Silenciosamente ela acorda e vem até mim – toma-me novamente no abrigo de seus braços. Deitamo-nos juntas, ainda em silêncio, ela de vez em quando puxando-me até ela, beijando-me, minha cabeça em seus seios, seus braços em volta de meu corpo, me acariciando amorosamente – me esquentando... É sua voz sussurrando “Está se sentindo melhor agora, querida?”. Não pude responder com palavras. E ela fala outra vez: “acho que você não consegue me contar”. Aproximei-me mais de seu corpo suave e quente, mais feliz do que jamais poderia ter imaginado. (TOMALIN, 1988, p. 36)

Na entrevista, Edith disse que Katherine interpretou mal seus gestos maternais. Para ela, estava simplesmente fora de questão um relacionamento erótico entre duas mulheres, estava noiva. Entretanto, ao voltar da praia para Wellington, Katherine escreveu em seu diário:

Aqui, por meio de mil sugestões delicadas, consigo absorvê-la – para começar. Que experiência! Quando voltamos à cidade não fiquei surpresa por não conseguir dormir, virando-me de um lado para outro, desejando-a com saudade, percebendo mil coisas que estavam obscuras... Ah Oscar! Será que estou parti-

cularmente suscetível aos meus impulsos sexuais? Devo estar, suponho. Mas me regozijo com isso. Agora, cada vez que ela põe seus braços em torno de mim e me aperta contra ela, acho que ela queria também. Mas ela está com medo e os costumes a aprisionam. Eu sinto. Precisamos viajar novamente. (TOMALIN, 1988, p. 36)

Mas embora pergunte a Oscar Wilde sobre seus impulsos [homo]sexuais, o amor por Edie expira e Katherine, no final de junho, escreve em seu diário:

Esta tarde foi horrível. Edie me aborrece e eu a aborreço. Eu me senti infeliz e penso que ela também... agora E.K.B. é algo do Passado – absolutamente irrevogável – Graças a Deus! Considero retrospectivamente uma relação freneticamente piegas e era melhor terminar – também ela não iria atingir alguma grandeza seu caráter não tem o ímpeto necessário. (MEYERS, 1978, p. 31-32)

Três semanas depois, Katherine estava às voltas com um novo caso com um rapaz que escandalizou a família, e também escrevia cartas ardentes para Arnold Trowell, filho de seu professor de violoncelo, que se mudara para Londres.

Em junho desse mesmo ano de 1907, Katherine escreveu o conto *Leves amores*, não publicado em vida, em que narra o encontro amoroso entre duas mulheres:

E então, de repente, ela se virou para mim e enlaçou meu pescoço com seus braços. Cada passarinho do friso abaulado da parede começou a cantar. Cada rosa do papel estraçalhado brotou e floresceu. Sim, até a verde videira do cortinado da cama se transformou em estranhos colares e guirlandas que nos enlaçaram num abraço de folhas, segurando-nos com as garras de mil galinhos. E a Juventude não estava morta. (TOMALIN, 1988, p. 260)

O conto termina com a premissa de Wilde de que a Juventude permite tudo e deve ser usada o quanto puder. Para Katherine, nessa época, ele era “a essência do *savoir faire*” (MEYERS, 1978, p. 25).

Alison (1988) sugere que esse conto, escrito após o término com Edie, foi inspirado em Maata, quando se reencontraram em abril. Nunca mais se viram, mas continuaram a se corresponder e, no final de sua vida, Katherine estava escrevendo uma novela sobre ela: *Maata*. Logo após escrever essa novela, ela diz em seu *scrapbook*:

Que coisa extraordinária! Ela se viu todas estas semanas, desempenhando um papel – sendo Maata – sendo ela mesma, cuidando acuradamente de coisas que afinal não importam a ninguém. Por que somente nesta tarde – um minuto ou dois atrás, ela se lembrou de tudo isso – e isso não era nada, nada... (MANSFIELD, 1939, p. 58)

2. Atração e identificação

Katherine traz à luz suas lembranças de Maata transformando-as em texto vivo: assim elas deixam de ser “nada” e podem ser vistas e compreendidas por ela e compartilhadas com os leitores.

No trecho acima, Katherine se trata na terceira pessoa, como se ela estivesse se observando: desejando Maata e sendo Maata. Ao lembrar-se de Maata, lembra-se dela mesma, explorando sua femi-

nilidade, querendo ser como Maata, que ainda púbere já planeja ser uma mulher, com tudo o que lhe é de direito. Nas fotos da escola ela aparece já sensual nessa idade, enquanto Katherine era ainda uma menina gordinha, de óculos. Aos 28 anos ela pôde ter um olhar retrospectivo para sua puberdade, quando, como Freud acentua, irrompe a segunda onda da sexualidade (HAUDENSCHILD, 2010b).

3. O amor materno pré-genital

A avó

Katherine manteve uma relação muito íntima com sua avó materna Margaret Mansfield Dyer – vovó Grannie – com quem dormia, na mesma cama, na infância.

Em 1909 ela escreveu *A avó*, que passeava sob as cerejeiras e carregava seu irmão mais novo:

Ele estava dormindo, mas sua boca se movia
como se estivesse beijando.
“Que lindo!” disse a avó, sorrindo.
Mas meus lábios estremeceram
E, olhando para o rosto dela tão afável,
Eu queria estar no lugar do meu irmãozinho,
Para colocar meus braços em volta do seu pescoço
E beijar as duas lágrimas que brilhavam em seus olhos.
(HANKIN, 1983, p. 6; grifo meu)

Penso que aqui Katherine fala dos mesmos abraços que descreveu em seus encontros com Edith e Maata (em *Leves Amores*). Essa qualidade maternal de abraço é mesmo salientada por Edith na entrevista a Tomalin.

Ida Baker (ou Leslie Moore)

A amizade de ambas começou no outono de 1903, em um passeio pelo Regent’s Park, quando Katherine, então com 15 anos, perguntou a Ida se ela queria ser sua amiga. E Ida a acompanhou em todas as suas vicissitudes, por quase 20 anos, durante toda a vida. Katherine escreveu: “Quero você como parte da minha vida e eu não consigo imaginar estar sem você” (BAKER, 1985, p. 172).

Ida acompanhou os desastres amorosos de Katherine, desde a paixão por Arnold e depois por Garnet Trowell (irmãos gêmeos), sua gravidez e perda do recém-nascido, seu primeiro casamento que durou algumas horas, a rejeição pela mãe que a deserdou, as turbulências da relação de 12 anos com John Murry, seu marido, a busca pela cura da tuberculose e a incessante procura por uma expressiva escrita própria.

Ida foi constante em seu amor e solicitude por Katherine: “ela se expressou em sua escrita, e eu em servi-la” (BAKER, 1985, contracapa). Diz ter dedicado sua vida a Katherine, mas não somente por ela, “que eu amava, mas pelo trabalho para o qual ela vivia e no qual acreditava” (BAKER, 1985, p. 235). Katherine se pergunta: “Sou responsável por ela? ... Ela me deu o presente de si mesma: ‘Tome-me Katie. Sou sua. Eu a servirei e seguirei em seu caminho’. Devo tê-la feito uma pessoa feliz” (MANSFIELD, 1939, p. 16).

Em 1918, na dedicatória de *Felicidade* (Bliss), Katherine escreveu à Ida: “A despeito de tudo o que falei, e que vou falar – você tem sido a ‘amiga perfeita’ para mim...” E Ida respondeu: “Fiz o melhor que pude” (BAKER, 1985, p. 20).

4. Katherine e as vicissitudes da feminilidade

Com a emergência do corpo adulto e a menarca, a menina experimenta a “segunda onda da sexualidade” (FREUD, 1905), e Katherine a vive aos 13 anos “sendo Maata” com suas aspirações femininas (*Kezia e Tu*). A mãe de Maata é próxima e dá ressonância a essas aspirações, enquanto Katherine só conta com a avó que a trata como uma menina pequena. Para sua mãe, ela é apenas uma criança a mais.

Em Wellington, aos 19 anos, reencontrou Maata, belíssima, noiva e, penso, tudo o que Katherine queria era ser como ela, incorporá-la, e sair por aí arrasando, como Maata fazia: imitou o penteado de Maata, puxando os cabelos para cima, como atestam as fotos da época. E encontrou, logo em seguida, Edith Bendall, também noiva, que além de linda era uma profissional bem-sucedida, como Katherine desejava ser.

Nos “episódios homossexuais” com Maata e Edith, o que se salienta é a qualidade dos abraços amorosos que Katherine vivera com a avó, que morreu em dezembro de 1906, sem que ela tenha tido a oportunidade de revê-la.

Mas penso que, ao mesmo tempo em que Katherine desejava reviver as relações íntimas materno-primárias que tinha com a avó (relações pré-genitais), também quer viver intimamente relações com mulheres genitais que fazem casal com um homem, para ser acariciada por elas e, assim, receber a feminilidade delas, como a de uma mãe genital que acaricia a filha enquanto lava seus cabelos (*Kezia e Tu*) ou lhe dá o primeiro sutiã.

Danielle Quinodoz (2003) diz que a adolescente expressa assim “seu desejo de descobrir sua própria feminilidade em contato com o corpo da mãe” (p. 11). E, falando de uma paciente adolescente, acrescenta:

Ela precisava da capacidade de *reverie* da analista para dar sentido a seus desejos e permitir que ela descobrisse o aspecto construtivo do que para ela parecia ser culpável em suas tendências homossexuais. Esta é, de fato, uma forma normal de *homossexualidade construtiva*. (2003, p. 11; grifos meus)

Mas Katherine teve que conviver com a culpa a vida toda, sem ter uma analista que pudesse lhe dar significado. Outro fator na adolescência de Katherine, e que não pode ser menosprezado, foi a influência de Oscar Wilde, tanto como escritor como quanto pessoa. Penso que sua homossexualidade também pode tê-la incitado a ter experiências homossexuais, para depois escrever sobre elas.

Katherine está apavorada com a eclosão de sua bissexualidade e não tem ninguém para ajudá-la a pensar sobre ela, como Quinodoz faz com sua analisanda.

As explorações da feminilidade vividas por Katherine na adolescência foram os breves episódios de paixão por Maata e Edith, entremeados de cartas amorosas a Arnold Garnet e *affairs* com homens – desde o navio em que viera para Wellington – o que escandalizou seus pais, temerosos com a emergência da exuberante feminilidade da filha (COURNUT, 2003), que recusava propostas de casamento. E é assim que, para eles, a melhor decisão em relação a ela foi deixá-la voltar sozinha para Londres como queria, enquanto as irmãs ficaram e seguiram a tradição da época: casaram-se e acompanharam seus maridos como fizera a mãe.

5. Feminilidade pré e pós-genital na adolescência

Blos (1979) diz que na adolescência ocorre o segundo processo de individuação, que implica “desprender-se da dependência familiar, a perda de laços com objetos da infância, de forma a tornar-se membro ... do mundo adulto” (p. 98). Nesse processo (BLOS, 1962) a relação diádica com a mãe é revivida pela menina (e com o pai pelo menino), antes da reelaboração do Édipo positivo, para que a confiança básica nesses objetos protetores, e em si mesmo, seja reassegurada e substituída pelo *ideal de ego*. Além dessa relação com a feminilidade materna em nível pré-genital, a adolescente busca incorporar a feminilidade genital, como salienta Danielle Quinodoz (2003) ao falar de *homossexualidade construtiva*.

Penso que na relação com Maata (*Leves Amores*) e com Edith, Katherine revive tanto situações primárias de acolhimento pelo corpo feminino quanto deseja incorporar a beleza e feminilidade delas, em nível genital, pois as duas são mulheres que estão comprometidas com homens e vão se casar em breve.

Mas Katherine não tem, como a paciente de Danielle, a oportunidade de elaborar suas angústias e terrores conversando com um analista. Carrega-as por toda a vida, sozinha, sentindo-se pecadora... Os valores familiares, pautados pela religião anglicana, confrontam-se com os de seu ídolo, Oscar Wilde, e ela, na eclosão de sua sexualidade, sente-se “enlouquecer” no meio da tormenta emocional.

Apesar da distância entre a cultura vitoriana e a nossa, penso que o adolescente ainda hoje enfrenta a mesma situação. Se o entorno é para o adolescente tão importante quanto a mãe para o bebê (COURNUT, 2015), o adolescente pode contar ou não com o suporte da família ou de adultos compreensivos com quem dialogar. Além disso, com a ampliação dos meios de comunicação, há uma proliferação de “ídolos” a imitar.

Os textos de Katherine, tão fiéis a seus sentimentos, trazem claramente à luz as nuances de seus sofrimentos, que, se compartilhados, poderiam livrá-la do peso de seus “pecados”... São textos que, de forma magistral, dão voz ao adolescente que clama por ser ouvido.

A importância desses textos reside, justamente, na clareza com que Katherine expressa a intensidade de seus sentimentos, talvez à busca de um interlocutor (analista?) com quem pudesse estabelecer um diálogo e compreender o que acontecia com ela.

Mas Katherine não teve essa oportunidade até o fim de sua breve vida...